

LIRA NETO

Getúlio

Do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)

7ª reimpressão



Sumário

1. Oficiais do Exército destroem um jornal: “A ditadura vai salvar o Brasil”, proclamam (1930-2).....	13
2. Crise política, confusão nos quartéis, caos financeiro. Querem derrubar Getúlio (1931-2).....	37
3. “Sai, Getúlio, sai! São Paulo não é Shanghai!” (1931-2).....	58
4. Um general de pijama assume a pasta da Guerra. Os conspiradores decidem que é hora de agir (1932).....	79
5. Getúlio escreve um bilhete de despedida: “Escolho a única solução digna para não cair em desonra” (1932).....	97
6. Uma notícia se espalha em São Paulo: O ditador fugiu do palácio (1932).....	113
7. Getúlio escapa da morte. Para a polícia, foi acidente. Mas havia quem apostasse em atentado (1933).....	131

8. Tiros de metralhadora na fronteira argentina: Bejo Vargas complica a política externa brasileira (1933).....	153
9. O ditador deixa o poder; o novo presidente assume. Mas eles são a mesma pessoa (1934).....	172
10. A Lei Monstro é aprovada: “Não teremos mais direito de pensar em voz alta” (1934-5).....	192
11. O serviço secreto britânico adverte Getúlio: espões e terroristas soviéticos estão no Brasil (1935).....	221
12. Sete mil presos políticos lotam os porões do regime. Há graves denúncias de tortura. Getúlio nega (1935-6).....	243
13. “Os satélites começam a girar em torno do Sol”, diz Getúlio, após tirar de órbita os candidatos a presidente (1936-7).....	276
14. Menção honrosa no concurso infantil de frases patrióticas: “Getúlio Vargas é maior que o Tarzan das Florestas” (1937-8).....	312
15. Getúlio enfrenta metralhadoras e fuzis, mas sucumbe ante um adeus da Bem-Amada (1937-8).....	331
16. A Segunda Guerra Mundial estoura na Europa. “Estou só e calado, para não demonstrar apreensão” (1939-40).....	350
17. Getúlio toma a decisão sobre a guerra. Mas avisa: “Não sobreviverei a um desastre para minha pátria” (1940-1).....	376
18. Preso a uma cama, Getúlio administra a crise do regime, enquanto os nazistas iniciam o “alegre massacre” (1942-3).....	406
19. O Estado Novo agoniza: é preciso fazer a abertura. Antes que os inimigos do governo a façam (1943-4).....	429
20. “Estou resolvido ao sacrifício, como um protesto, marcando a consciência dos traidores” (1944-5).....	453

Epílogo	
(29 de outubro a 1ª de novembro de 1945).....	479
Este livro.....	493
Fontes.....	497
Notas.....	510
Crédito das imagens.....	573
Índice remissivo.....	575

I. Oficiais do Exército destroem um jornal: “A ditadura vai salvar o Brasil”, proclamam (1930-2)

Por volta de onze e meia da noite daquele 25 de fevereiro de 1932, uma quinta-feira, os habituais frequentadores da praça Tiradentes, mais famoso reduto da boemia carioca à época, tiveram a atenção voltada para o som do motor de pesados caminhões na rua ali em frente. Sambistas, atores, coristas, músicos e malandros que sempre lotavam os cafés do local até alta madrugada assistiram com surpresa à passagem do comboio composto de três enormes veículos de carga, apinhados de soldados do Exército. Eram cerca de 180 homens fardados. Todos com fuzis, pistolas e submetralhadoras em punho.¹

Os caminhões oficiais — dois pertencentes à corporação militar e o terceiro identificado mais tarde como do departamento de limpeza pública do Distrito Federal — contornaram a Tiradentes e margearam lentamente a profusão de cabarés, bares, cinemas e teatros que fervilhavam ao redor da praça. Seguiram assim, sem pressa, até estacionarem enfileirados à altura do número 77, onde funcionava a sede do *Diário Carioca*.

O jornal, que quinze meses antes apoiara com ardor a deposição de Washington Luís e a conseqüente chegada de Getúlio Vargas ao poder, passara a publicar artigos e editoriais inflamados a favor da reconstitucionalização do país. Desde novembro de 1930, Getúlio vinha governando por decreto, após suspender a

Constituição Federal, dissolver o Congresso, as Assembleias Legislativas e as Câmaras municipais, destituir prefeitos e governantes dos estados, eliminar as prerrogativas individuais e instituir um tribunal de exceção para julgar crimes políticos.² Autoatribuindo-se poderes discricionários, o Governo Provisório, originário do movimento civil-militar que conduziu o político gaúcho ao Catete, também aposentara compulsoriamente, por “imperiosas razões de ordem pública”, seis ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), considerados comprometidos com o antigo regime.³

A maioria dos textos editados com destaque na primeira página do *Diário Carioca* era assinada pelo diretor de redação, José Eduardo Macedo Soares. Um dos últimos, publicado no dia 24 de fevereiro de 1932, fustigara: “O regime do sr. Getúlio Vargas fracassou. Primeiro, pela resistência que encontrou no sentimento brasileiro de invencível repugnância a qualquer escravidão política. Segundo, pela insanável incompetência dos homens nos quais se apoiou”.⁴

Macedo Soares, com seus característicos olhos verdes e fundos, de grandes pestanas e pálpebras meio caídas, era um polemista profissional. Em 1912, após chegar ao posto de tenente, largara a Marinha e passou a militar na imprensa, ao fundar seu primeiro diário, *O Imparcial*, pioneiro na publicação de ilustrações entre os jornais do Rio de Janeiro e crítico sistemático do então presidente Hermes da Fonseca. Ex-deputado federal por três mandatos consecutivos, fora preso por subversão também em três ocasiões, uma delas em 1922, quando ocupara a companhia telefônica de Niterói, encarregado de cortar as ligações locais com a capital, onde os insurgentes tenentistas sublevavam o Forte de Copacabana. Mandado preso para a ilha Rasa, fugira pela porta da frente, ludibriando os carcereiros, envergando sobre o uniforme de presidiário um terno levado pelo irmão.⁵

Em 1928, Macedo Soares fundara o *Diário Carioca*, para fazer oposição ao governo de Washington Luís. Pouco depois aderira à Aliança Liberal — a coalizão de forças que apoiara a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Em seguida à vitória do movimento de 1930, começou a criticar os civis e militares abrigados no Clube 3 de Outubro, agremiação fundada no ano seguinte no Rio de Janeiro por representantes do tenentismo. Defensores de um regime forte e autotitulado como “patriotas enérgicos”, os integrantes do 3 de Outubro — o nome do clube era uma homenagem à data do estopim da chamada “Revolução de 30” — pregavam a necessidade de manutenção indefinida do período de exceção. Os “outubristas” argumentavam que uma possível volta à ordem legal

serviria apenas para trazer de volta a “politicalha” varrida do poder pela Revolução e pela “República Nova”.⁶

“Foi para realizar a tarefa de renovar o país que se instituiu, em fins de 1930, a ditadura no Brasil”, afirmava um dos mais destacados líderes tenentistas, Juarez Távora, promovido a major pelo governo revolucionário. “Essa obra prévia de desentulho, a ditadura só poderá dar por concluída quando houver separado, criteriosamente, o joio do trigo, os elementos imprestáveis, inadequados ou apodrecidos dos esteios bons que também se encontram sob os destroços da velha ordem.”⁷

Em contraposição ao Clube 3 de Outubro, o *Diário Carioca* se convertera no baluarte do retorno à ordem constitucional. Suas páginas não cansavam de exigir eleições livres para uma Assembleia Constituinte, com vista à elaboração de uma nova Carta Magna para o Brasil. Por isso, os três caminhões parados em frente à sede do jornal àquela hora da noite, com soldados ostensivamente armados, não pareciam indicar uma visita de cortesia.

A má intenção dos recém-chegados logo se revelou. Sem descer dos veículos, os militares obedeceram à ordem determinada por um oficial e, a um só gesto, apontaram o cano de suas armas para a fachada do prédio. A seguir, sob nova ordem, a de fazer fogo, desfecharam uma ruidosa carga de disparos. Depois de meio minuto ininterrupto de artilharia, os caminhões ligaram os motores e seguiram em frente, sacolejando em marcha lenta, como se nada de anormal houvesse ocorrido.

Em meio à balbúrdia que tomou conta dos cafés, os boêmios mais curiosos saíram para conferir o estrago. A imagem era devastadora. As balas de grosso calibre estilhaçaram as vidraças do *Diário* e abriram centenas de buracos nas paredes do imóvel de dois pavimentos. Os trabalhadores gráficos e os redatores que preparavam a edição do dia seguinte despontaram à calçada, atônitos. Enquanto todos aferiam a extensão da violência, notou-se que os caminhões apenas circundavam a praça e já retornavam, ameaçadores. O primeiro ataque fora somente uma mensagem de advertência, compreendeu-se. Os soldados ainda não haviam dado o serviço por terminado.

“Foge, que lá vem bala de novo!”, alguém gritou, em meio à multidão.⁸

Quase não restou ninguém para assistir à segunda ofensiva. A maioria dos que ali se aglomeravam fugiu pela rua da Constituição — via pública que passara a ter um nome meramente decorativo, sem nenhuma correspondência com a